

## DESVIO COMO ESTRATÉGIA PARA PENSAR A CIBERCULTURA

Entrevista com Stéphane Hugon \*

O GRETECH (Groupe de Recherche en Technologie) foi fundado em 1994, pelo pesquisador brasileiro André Lemos (UFBA). Ligado ao CeaQ (Centre de Recherche sur l'Actuel e le Quotidien), Paris V, Sorbonne, este centro se propõe a pensar a sinergia entre o social e a tecnologia constitutiva da pós-modernidade, a partir de uma proposta transdisciplinar.

No ano que comemora os 10 anos de sua criação, a Revista FAMECOS entrevista seu atual diretor, o publicitário e sociólogo francês Stéphane Hugon. Hugon acompanha as atividades do GRETECH desde o seu início e há cinco anos substituiu Federico Casalegno, atualmente pesquisador do MIT, na direção do centro, além de ser o mediador de suas sessões mensais.

Em entrevista concedida em Paris, Hugon conta um pouco da história do GRETECH, revelando sua orientação assumidamente tecnofila, além da preocupação em integrar a cibercultura no espaço de tensão entre modernidade e pós-modernidade.

Ao propor a comunicação como acontecimento ou o interesse pela inutilidade da técnica, pode-se sugerir que o GRETECH se vale de uma estratégia fundada no desvio para dar conta do desafio, que é pensar a cibercultura.

### Após 10 anos da criação do GRETECH, o que mudou e o que não mudou na proposta do grupo?

SH - O que é interessante é que, ao término de dez anos, ao mesmo tempo, o GRETECH continua o mesmo, quanto ao seu questionamento, quanto ao seu campo de interesse, quanto à sua metodologia, e, paradoxalmente, ele mudou totalmente. O grupo se constituiu, por volta de 1993, 1994, orientado em torno da cibercultura. Depois de algum tempo, o grupo investiga a condição mais geral das mídias, tanto da mídia tradicional, quanto da mídia oral. Assim, houve grupos de trabalho sobre a circulação de informações na massa, sobre o rumor, sobre a

tradição oral e temporalidade.

Nesses termos, o GRETECH é sempre o mesmo quanto ao questionamento sobre a maneira pela qual a tecnologia é socialmente apropriada pelo cotidiano, pelo grupo e pela sociedade. Como também pode-se falar de modificações quanto ao suporte analisado, como o livro de bolso, primeiro modo de difusão de informação de maneira rizomática do Ocidente, a circulação da palavra, da circulação da informação pela rede. Então, o que se entende por cibercultura é alguma coisa que questiona essas e outras formas de circulação midiática, que são questões próprias da publicidade, da televisão, das redes, etc.

### De acordo com os trabalhos discutidos nas sessões do GRETECH, é possível identificar diferentes tendências de pensamento no decorrer dessa época?

SH - Globalmente, houve um consenso em torno da idéia de que a tecnologia só existe na medida em que ela responde a funcionamentos arcaicos. Dito de outra maneira, a tecnologia não abre campos novos. A técnica é recuperada simbolicamente a partir do momento em que ela passa a compor o modo de circulação de informações que existem desde a noite dos tempos. Isso quer dizer, por exemplo, que é porque as relações humanas existem de maneira fragmentada e desconstruída que uma tecnologia como o hipertexto pode encontrar uma forma de ressonância. O hipertexto, a internet, etc., não fundam um novo modo de reflexão. É porque esse modo de reflexão, de relação social já existia que a internet é um sucesso. Quer dizer, a tecnologia não abre campos, mas ela responde a um potencial, atualiza um potencial. Esta é uma posição que é comum ao GRETECH, se bem que é verdade que existem diversas tendências a partir desse ponto em comum.

Por exemplo, há dez anos tem-se uma orientação que é muito ciber. Tanto como materiais, como campo de interesse, como fonte,

---

e como metodologia de textos recentes. Com um corpus teórico ciber que é antes de tudo anglo-saxão, e que começa com William Gibson, nos anos 80, passando pela reapropriação do pensamento francês pelos norte-americanos e chega, hoje, a Paul Virílio e outros autores correlatos. Esta é a parte ciber.

---

*(...) o GRETECH é sempre o mesmo quanto ao questionamento sobre a maneira pela qual a tecnologia é socialmente apropriada pelo cotidiano, pelo grupo e pela sociedade*

---

E ao lado disso, tem-se um segundo corpus, uma segunda tendência, mais recente, que, para analisar todos esses fenômenos, utiliza autores mais antigos. Principalmente textos do século XIX, a fim de construir uma espécie de genealogia ou, antes, uma anti-genealogia do pensamento ciber através de textos de Saint-Simon, de 1845, do romantismo alemão, e, também, de todos os sociólogos do fim do século XIX, como Gabriel Tarde, Jean-Marie Guyau, Max Scheller, Georg Simmel, seguido por Max Weber. E que permitem, ao meu ver, muito facilmente, explicar fenômenos de forma, fenômenos de massa, de propagação da informação, através de modelos sociais, que os cibernéticos ou aqueles que pensam a cibercultura têm tendência a propor como estado de coisas recentes. Eu diria, antes, que é preciso velhos textos para analisar fenômenos contemporâneos.

**O tema de debate do GRETECH no ano escolar 2003-2004 é a "paisageologia", em termos que se pense sobre a alteração da percepção humana a partir do uso das diferentes tecnologias. Como são definidos esses temas?**

SH- Paisageologia (em francês *paysageologie*) é um neologismo, o termo não existia, e é parte de uma intuição proveniente de um texto de Michel Maffesoli, segundo o qual o lugar é o laço. Ou seja, é a idéia de que as relações sociais são variáveis em função do lugar. E que, provavelmente, existem formas de expressão da subjetividade individual, que são modificáveis em

função do contexto. Tentou-se extrapolar essa hipótese, mostrando como a paisagem, que pode ser uma paisagem afetiva, visual, mental, eletrônica, mediática, que está em torno de nós não somente nos influencia, mas permite a expressão de nossa subjetividade, a partir de uma relação com essa paisagem.

A partir disso, é a idéia de que não existe uma subjetividade autônoma e constante, mas existem formas de expressão da subjetividade que evoluem ou que emergem em função da paisagem dos lugares. É a paisagem que cria as condições de possibilidade de emergência da forma de subjetividade.

Foi uma hipótese para qual cada um dos diferentes membros do GRETECH tentou propor visões de conteúdo. Nós trabalhamos num sistema de *atelier*, quer dizer, propõe-se um tema para as apresentações de trabalhos no debate e, então, constroi-se uma hipótese. A hipótese que se construiu é que a paisageologia, sobre a qual provavelmente vai se continuar a estudar no próximo ano, é parte de algo mais abrangente.

É interessante porque ela chega a partir de uma temática tratada no ano passado, que foi o da cidade. No ano passado, buscou-se fazer, de um ponto de vista puramente formal, do ponto de vista da analogia, uma relação entre as redes urbanas como formulação de redes sociais e eletrônicas. E percebeu-se que a paisagem urbana motiva a emergência de uma subjetividade que é ela mesma

---

*(...) a tecnologia não abre campos novos. A técnica é recuperada simbolicamente a partir do momento em que ela passa a compor o modo de circulação de informações que existem desde a noite dos tempos*

---

urbana. E que é diferente de outros contextos, de outras paisagens. É toda uma genealogia de texto, que me permitiu levar a cabo uma reflexão que é ao mesmo tempo eficaz em termos heurísticos, sobre a cidade, e que permite melhor compreender a cibercultura e melhor compreender o funcionamento social das relações, sejam elas reais ou virtuais. Percebeu-se a cidade como expressão das redes e a paisagem como expressão da cidade.

### **Já existem sugestões sobre o tema do próximo ano?**

SH- Vai se debater coletivamente entre os membros do GRETECH. Muito provavelmente, haja uma aproximação maior sobre o tema da técnica. E vai se continuar nessa idéia de paisagem, em torno de outro potencial dessa noção.

Por exemplo, há alguns anos falou-se sobre a biotecnologia, um ponto de vista que parece interessante. Houve um trabalho, no ano passado, muito interessante sobre nanotecnologia. Enfim, isso vai depender do que pretendem os membros do grupo.

### **O que é cibercultura para o GRETECH?**

SH- Para um grupo orientado para a cibercultura, ela é ao mesmo tempo, um terreno, um corpus de textos, quase mesmo uma fenomenologia, uma maneira de pensar o social e também um veículo em termos de compreensão, de formulação do pensamento.

O que me incomoda é que ela é um território quase autônomo. Pode-se estar na cibercultura reinterpretando o mundo inteiro enquanto cibercultura, da mesma forma que como um fenômeno. O meio de pensamento, assim como o meio de o reformular, parecem-me, devem ser mais integrados numa filosofia mais larga, numa sociologia mais larga, onde a cibercultura é somente um elemento.

A tendência hoje é tentar reintegrar a cibercultura num corpus sociológico mais largo, por isso se propõe um corpus de texto mais antigo. E, provavelmente, cabe aos membros do GRETECH prestar atenção nessa "zona de autonomia temporária" (Taz Hakimbey), para retomar um termo que eu gosto muito.

A cibercultura não é suficientemente um fenômeno social, não é suficientemente um fenômeno estético, torna-se quase uma exclusividade universitária. Nesse sentido, tenta-se tornar esse movimento mais lento, e reintegrá-la em algo maior.

Quando se pensa a cibercultura ao longo de um certo tempo, percebe-se que há nesse fenômeno uma ciência da comunicação. A ciência da comunicação só existe em relação a um sistema filosófico da técnica, a uma filosofia da sociedade.

### **Qual é o papel da comunicação na cibercultura?**

SH - Eu creio que como modo de expressão, como corpus e como conhecimento, a cibercultura chega depois dessa espécie de fascinação sobre a comunicação. À comunicação, pode-se remeter a uma premissa da segunda metade do século XIX, que permite, que gera as condições de possibilidade, de emergência da cibercultura.

O que me incomoda um pouco em termos da relação entre comunicação e cibercultura é que persiste uma interpretação fundamentalmente funcionalista. Enquanto poder-se-ia muito bem relacioná-la com laço social, concebê-la de uma maneira um pouco mais antropologizada, não como um objeto de transferência de informação, mas antes, como um espaço comum, pouco importando o que se troca. O essencial é que haja contato.

Quanto ao papel da comunicação em relação à cibercultura, pode-se dizer que as duas são equivalentes. Comunicação é igual à cibercultura e cibercultura é igual à comunicação. Com a exceção de que a cibercultura é estetizada a partir de fontes literárias. Fora disso, eu não faço diferença entre as duas.

### **Pode-se falar do ciberpunk enquanto fonte estética da cibercultura?**

SH - É interessante porque isso é um pouco o limite exterior do campo da minha pesquisa. Há pessoas que são especializadas nessa questão, mas é uma questão que eu vou apenas contornar na minha pesquisa.

Eu limitei o meu corpus de referência em torno da questão da cibercultura entre 1981 e 1983. 1981 é o ano de publicação de *Mille plateaux* (Mil Platôs, 5 volumes, 1995) de Gilles Deleuze e Félix Guattari. 1983 é a data da publicação em francês do *Neuromancer*, de William Gibson. E que são, de fato, momentos-chave, como ato de nascimento da cibercultura e que, para mim, são ao, mesmo tempo, seu ato terminal.

Eu penso que o ciberpunk é uma fonte fundamental para alimentar todo um imaginário que vai permitir que se ponha a questão da comunicação e da técnica. E é, provavelmente, um ponto crítico do abandono de uma espécie de espírito em torno da modernidade e da técnica.

No entanto, eu penso que antes do ciberpunk, havia uma literatura que torna possível a própria literatura ciberpunk. E não se trata do domínio da ficção científica, como Phillip K. Dick, e outros. E sim, que é proveniente do meio da arte

---

contemporânea. Falo de uma literatura contestatária, ligada ao campo universitário, ao campo do pensamento, que reúne atos gratuitos, da geração a partir dos anos 50, em torno de situacionistas, da arte contemporânea, da arquitetura, e até de Yoko Ono, no fim dos anos 70. Constitui-se, com isso, referências provenientes de pessoas que não chegam a testemunhar a cibercultura. Isso é que é interessante.

Por isso, eu não considero o corpus do ciberpunk e da cibercultura em geral como sendo fundamental para explicar a idéia das redes. Parece um paradoxo, na verdade. Porque a partir do momento em que a cibercultura é formalizada, é identificada com a idéia de rede, com a idéia de subversão e de não-linearidade, a partir do momento em que se exprime isso dessa maneira, isso já não existe mais. Já se tem, assim, a cultura instituída como civilização. É por isso que eu penso que o essencial disso tudo está antes. Mas isso é uma posição muito pessoal, não reflete necessariamente o trabalho do grupo.

#### **Como você distinguiria a comunicação das tecnologias de comunicação?**

SH - Hoje, tem-se a tendência de reduzir uma à outra. Há um ponto de vista relacional que fala da diferença entre continente e do conteúdo, ainda que eu ache que essa distinção não exista mais hoje. O que é fundamental é que não se pode mais distinguir um do outro. Falar do conteúdo da comunicação em relação à tecnologia de comunicação é ainda ver um velho fantasma que busca distinguir o conteúdo do continente.

Assim como eu penso que não se pode pensar a comunicação ou a tecnologia de comunicação, em termos de função, de veículo, mas é preciso pensar a comunicação como um acontecimento. Em um acontecimento, não se distingue o fundo da forma. Um acontecimento é completo em si, fundo e forma se confundem.

E, por outro lado, há uma qualificação gradual na diferenciação entre a comunicação e a tecnologia de comunicação que faz, ao mesmo tempo, da comunicação alguma coisa de nobre e da tecnologia algo puramente utilitário.

Vê-se bem hoje uma fascinação e um reencantamento em torno da tecnologia pela tecnologia, uma capacidade em si, pretende-se reencantar o acontecimento da comunicação. E, paralelamente a isso, há um empobrecimento total

da comunicação em termos do conteúdo quando se observa, hoje, o que se passa na Internet. Eu fiz análises lingüísticas em torno de um *chat* na Internet, não somente de adolescentes, mas *chats* de adultos também.

---

*Comunicação é igual à cibercultura e cibercultura é igual à comunicação. Com a exceção de que a cibercultura é estetizada a partir de fontes literárias*

---

O paradoxo é que se dispensa muita energia e tecnologia de comunicação, enquanto o conteúdo da relação é igual a zero. Isso não quer dizer que não haja um efeito de comunicação. Quer dizer que a comunicação seja talvez um acontecimento.

Distinguir a comunicação de meios de comunicação, distinguir o fundo da forma, é ainda um hábito muito jackobsoniano, muito ligado ao que se pensou pós-Barthes, por exemplo. Enquanto hoje a comunicação em si é um acontecimento, uma tendência, com todo o conteúdo obscuro que isso possa gerar.

Hoje, na França, como também em muitos outros países, a televisão nos oferece coisas totalmente desinteressantes. O que importa é que todo mundo assista, trata-se de uma maneira de se encontrar. É um efeito totêmico, pouco importa o que é abordado em termos de conteúdo. O essencial é que isso aproxima as pessoas de maneira horizontal.

**Gabriel Tarde (1901) considera a conversação como todo o diálogo sem utilidade direta e imediata, falar por falar, falar por prazer, a partir do século XVI. Com a aparição das novas tecnologias de comunicação e de informação, o que muda nesse sentido?**

SH - Tarde foi um visionário porque ele estabeleceu, nesse texto de 1901, uma visão empírica em termos de conversação que é da ordem da comunicação leve, sem objetivos que envia àquilo que eu dizia a propósito do fundo e da forma de comunicação. Existe uma comunicação em que o conteúdo é quase igual a

zero. Existe uma comunicação plena socialmente, em termos de laço, sem conteúdo, puramente social. Isso é interessante.

E, todavia, nesse texto que se chama *L'opinion et la foule (A Opinião e as Massas, 1992)* ele faz uma distinção importante entre a massa e o público. Ele mostra bem que a massa é um grupo que não tem consciência de ser uma massa e no qual a comunicação é totalmente transversal. Enquanto um público tem a consciência de dividir o que se chama de um efeito de atualidade, quer dizer um estado de gravidade.

E eu creio que hoje, encontra-se nessa maneira uma análise das mídias contemporâneas, uma massa que estava cristalizada num acontecimento e que pode se tornar um público.

Não há hoje uma só pessoa que não tenha uma conexão que seja, uma televisão, um telefone, um celular, um computador, etc. Todos têm um potencial em se tornar um público, da ordem da temporalidade que vai se atualizar, é esse momento que vai cristalizar grupos, redes, nichos e tribo.

Por isso, esse texto é eficaz ainda hoje para abordar a ciência da comunicação. Lembremos mais uma vez que hoje, em pleno espaço cibercultural, há textos que precedem a cibercultura em quase um século e que lhe servem de base de análise. Que permitem relativizar, ainda, a contribuição de textos como o de Gibson, por exemplo.

#### **Quem são os pensadores mais evocados nas sessões do GRETECH?**

SH - Há dois anos, falou-se muito dos situacionistas, Guy Debord e ainda outros. De fato, o que é interessante é que os situacionistas têm uma espécie de plataforma de consenso que está no interior do GRETECH. É ao mesmo tempo uma dimensão estética, quer dizer, a arte como um evento puro, a arte como a inversão do espetáculo, com toda uma temporalidade, um lado de acontecimento que pode existir.

Mas, também, os situacionistas têm alguma coisa de muito expressiva que agrada as pessoas que falam de cibercultura, esse culto do que está escondido. Raphaël Josset (doutorando da Paris 5, orientando de Michel Maffesoli e expositor de *Paysageologie psychogéographique de la schizosphère postmoderne*, em sessão do GRETECH), do GRETECH, que trabalha justamente esse lado. É com todo um léxico codificado em termos de cibercultura.

Então, fala-se muito de situacionistas, mas evoca-se também Jean-Marie Guyau, Gabriel Tarde, Max Weber, Max Scheller, e também um corpus ainda mais antigo, como La Métrie, que é do fim do século XVIII, autor de *L'homme machine*, um texto muito interessante que fala sobre pensar essa perspectiva da tecnologia como fantasma da projeção do corpo.

Senão, toma-se um lado mais sociológico sobre a técnica, utiliza-se Martin Heidegger, George Simondon, Bernard Stiegler, Michel Maffesoli. Heidegger é de difícil abordagem. As interpretações sobre esse autor que se teve no GRETECH são muito diversas. Por outro lado,

---

*O que é interessante é que quando se trata da técnica, o imaginário social a transforma e a inverte. É o fio condutor que permite compreender a relação entre os indivíduos*

---

Simondon é muito interessante porque ele é, como nós, tecnófilo. O GRETECH é, antes de tudo, tecnófilo. Maffesoli é interessante pela sua interpretação sobre o reencantamento pela técnica, e que permite que se tenha uma outra leitura de Heidegger, por exemplo. Há outros autores também, mas esses aí são os principais.

#### **É possível fazer ou pensar a sociologia contemporânea sem pensar na comunicação?**

SH - Eu penso que a comunicação está incluída na sociologia. Se bem que se tem hoje uma tendência em se abordar tudo em termos de comunicação.

O trabalho atual de Federico Casalegno é aproximar o campo das ciências da educação, a questão da transferência cultural como uma questão de mídia. Há uma transversalidade entre comunicação, sociologia e ciências da educação.

Isso é interessante porque põe, antes de tudo, a questão do conteúdo onde se pode ver bem que é uma tendência que perde sua substância. E, ao mesmo tempo não é só uma questão de meios, mas uma questão do imaginário num sentido global do termo. É um pouco a

antropologia da cultura. Um predomínio da comunicação e, ao mesmo tempo, a questão da técnica, que é a ponta da pirâmide. Tudo isso está muito imbricado e eu penso que não há sociologia sem comunicação, ao contrário, isso é quase impossível.

### **De que maneira a tecnologia e o imaginário se relacionam?**

SH - Um leva ao outro. Existe um imaginário tecnológico que é enorme. Existe toda uma genealogia e que é uma maneira de abordar, eu diria, o sentido do imaginário através do prisma da tecnologia, que envia a todo um caminho que é o do pensamento ocidental.

Desde o século XIX, a tecnologia se torna o emblema fetiche da modernidade. E acompanhando tudo isso, há uma verdadeira cultura, um verdadeiro imaginário tecnológico.

O que é interessante é que quando se trata da técnica, o imaginário social a transforma e a inverte. É o fio condutor que permite compreender a relação entre os indivíduos. O corpus imaginário mobilizado por coesão social. Ela é mobilizada transfigurada, transformada em alguma coisa de novo, sempre continuando no campo da sociologia da técnica, um corte transversal, ao mesmo tempo, entre a modernidade e a pós-modernidade.

### **O que é técnica para o GRETECH?**

SH - É um simples rumor, a técnica nunca existiu (risos). Ela só existe porque permite pôr a questão social. Além de apresentá-la, a técnica é paradoxalmente, verdadeiramente, para nós, apenas um pretexto. Porque o que se estuda não é a técnica, mas as apropriações sociais da técnica, utilização e a reapropriação cotidiana.

De um ponto de vista da informática, por exemplo, observa-se que as pessoas utilizam de 2 a 3 por cento da capacidade de sua máquina. O que é interessante é que cada vez mais, em torno da tecnologia e da técnica, há um desvio, uma captação e uma espécie de corrupção. Não é a técnica que interessa para nós, mas a capacidade do social de corromper a tecnologia e de produzir alguma coisa de novo, de fundamentalmente gratuito, social, inútil, encantador, mágico e não-funcional.

Pode-se retomar o exemplo de Asger Jorn, que foi um pintor pouco conhecido, contemporâneo de Guy Debord, nos anos 50. Ele

falou muito que o essencial do seu trabalho é a reutilização, o desvio. E com Guy Debord eles abordam um modo de inutilização que consiste em pegar um objeto qualquer e dar-lhe uma função que não é a sua função original. Trata-se de dar-lhe um sentido novo, um pouco à maneira surrealista, atribuir a essa coisa um novo objetivo, em que o uso final é desviado do uso inicial.

É aí que a tecnologia me interessa. E, assim, o GRETECH orienta sua pesquisa no sentido de investigar a capacidade de subversão, de corrupção, de desvio, de inutilidade, para retomar um termo heideggeriano.

Não se pode esquecer que inicialmente a Internet era um instrumento militar e que depois se dirige ao grande público. E que os usos para os quais ela foi designada não são os usos pelos quais ela é empregada realmente. Há um espaço muito largo entre o projeto e a realização. E é nesse espaço que é investido todo o imaginário social. Trata-se de uma tela onde pode-se encontrar todas as projeções e os fantasmas de toda uma sociedade.

É nesse sentido, somente, que a técnica se torna um indicador das fantasmagorias sociais, sobre a maneira que se corresponde, a maneira fazer corpo, sobre a maneira de se fazer grupo.

### **Qual é o limite seguro entre a utilização criativa e aquela instrumentalizada com relação à técnica?**

SH - Na verdade, essa questão tem dois lados. Há uma primeira tendência que indica um grande otimismo em torno do tema da criação. Por exemplo, houve o sentimento de que a partir da tecnologia digital cada um poderia se tornar um criador na música, um autor de livros, e difundir suas criações para um grande número de pessoas. Além da facilidade de obtenção de textos, de músicas, de imagens, etc.

Vê-se que a França, depois da Alemanha e dos Estados Unidos, as grandes indústrias de produção fotográfica perdem velocidade. Em todo o caso, no departamento de gravação de cds. Vê-se bem que a troca à distância aumentou consideravelmente. Há, também aí, alguma coisa que é da ordem da gratuidade.

E sobre a parte mais instrumental, quer dizer, falar de instrumentalização é ainda falar em termos de complô. Ser instrumentalizado é uma teoria marxista que diz que a minha relação com a máquina vai determinar meu lugar de classe. É o proprietário da máquina que dá a orientação à

máquina e o indivíduo é só a força de trabalho submetido à máquina. Nesse sentido, a instrumentalização desaparece quando cada um pode ser proprietário de sua máquina.

Não quer dizer que não haja todo um imaginário que se dirige no sentido de uma instrumentalização. A instrumentalização não é necessariamente negativa mas há todo um campo da vida social que vai, ao contrário, buscar ser instrumentalizado.

É um paradoxo, que faz com que as pessoas que não podem encontrar uma autonomia, uma liberdade, uma emancipação, vão buscar elas mesmas fazer parte de um grupo, numa lógica de conjunto, o qual busca a instrumentalização. A questão retorna sobre ela mesma.

### **Qual é a posição do GRETECH sobre relação à exclusão digital?**

SH - Eu fui interpelado num colóquio, no ano passado, na Cité des Sciences et de l'Industrie, no sentido de que eu tinha um discurso um tanto eufórico com relação à tecnologia. Eu propus uma genealogia a propósito dos dadaístas, dos surrealistas, dos situacionistas, em termos que havia uma forma de estética, de narração, do passado, dos *comics*.

De uma estética proveniente do surrealismo, do dadaísmo, e que finalmente essa forma de expressão que, na ponta inicial tinha sido expressão de um pequeno grupo, tornava-se, então, uma expressão de massa.

Quanto a isso, alguém me disse que tudo ainda não estava no seio da massa, que se tratava da tecnologia como expressão de uma cultura dominante. Eu creio que há cada vez menos a exclusão digital. No fundo, eu não acredito nisso.

De fato, há 70% de franceses equipados com telefone celular. Há quase 80% dos franceses que assistem à televisão e em menos de 10 anos, a Internet passou de 0 a, pelo menos, 40%, 45% da população que está conectada ou que é potencialmente conectável. Eu creio que raramente houve uma tal expansão de tecnologia na história do Ocidente. Sempre vai existir uma exclusão digital, mas ela é mais fundamentalmente ligada a uma tecnologia determinada.

### **A teu ver, vivemos em tempo de utopia, distopia ou atopia?**

SH - É uma bela questão. Há toda uma história da

utopia que faz da utopia alguma coisa que não existe, um continente escondido que não existe, sobre a qual há um projeto em potencial, na verdade. Nesse sentido, houve toda uma genealogia que foi constituidora de nosso imaginário ocidental em torno da terra distante, um lugar que se espera, uma espécie de apetência que não é logo saciada.

Maffesoli lembra que há dois textos que estruturam esse imaginário. A Bíblia, para a qual a utopia seria o paraíso que se espera, e o segundo texto seria de Marx, a partir do qual a utopia é o comunismo que não chega nunca. Há um caminho de dor, pelo qual passa o proletariado que é um caminho transitório, mas que é um caminho de dor, enquanto que a utopia é o bem-estar, e o bem-estar só existe num trabalho sobre si. A utopia está sempre muito distanciada. Não acredito que se esteja nesse campo aí. A jovem geração abandonou a idéia de revolução como ideal construído. É por isso que os dois outros termos (atopia ou distopia) me parecem mais próximos. Acho que foi Henry Lefebvre que opôs os utopistas e os utopianos. Os utopistas são aqueles que constroem uma utopia que não chega nunca, e os utopianos são aqueles que fazem existir uma utopia, ainda que só parcial. É o que envia um pouco ao que Maffesoli chama de utopia intersticial, que estão no interstício, que estão no cotidiano, nos pequenos fragmentos, nos pequenos instantes da vida, etc.

É algo que toda a economia contemporânea da mídia digital só permite abordar as utopias que são intersticiais. São pequenos momentos em que o espaço cultural, o espaço relacional, pelo qual se vai abandonar sua forma de subjetividade, a panóplia que nos impõe a sociedade e sobre a qual pode-se ter um pequeno momento de felicidade, um pequeno momento relacional, um breve momento de fusão, um êxtase, no sentido etimológico do termo, o "sair de si". O problema é que isso vai continuar reduzido, vai continuar muito local. Vive-se então numa utopia, mas numa utopia transfigurada, em alguma coisa que é antes da ordem dos pequenos fragmentos, dos pequenos territórios.

### **Que papel o GRETECH desempenha no pensamento atual sobre cibercultura?**

SH - Para dizer a verdade, não sei responder. Acho que o impacto do GRETECH sobre o pensamento da cibercultura não é muito grande, provavelmente. Bom, eu penso que a posição do

---

GRETECH é muito minoritária. Há toda uma sociologia que tem um aporte marxista sobre a técnica. E, por outro lado, há toda uma sociologia muito eufórica, como a de Joel de Rösny, como a de Pierre Lévy, etc. que é muito ciber.

Eu creio que o GRETECH tem uma singularidade na medida em que, para nós, a cibercultura não é algo importante em si. Talvez a cibercultura seja apenas um subconjunto de uma forma de cultura contemporânea, que pertence à pós-modernidade, no sentido maffesoliano do termo. É por isso que as pessoas que trabalham puramente sobre a técnica não nos interessam muito.

### **Conheces outros grupos que fazem o mesmo trabalho do GRETECH?**

SH - Quando André Lemos criou o GRETECH, este foi o primeiro grupo que trabalhava verdadeiramente sobre a tecnologia e a cibercultura. E continuou sendo o único até 1997, 1998.

Hoje, há muitos outros grupos que trabalham sobre a cibercultura no GRETECH, provenientes de outras instituições parisienses importantes, como a École des Hautes Études, ou outras faculdades da Sorbonne, como da Paris VIII e da Paris XIII. Pessoas que se interessam sobre a cibercultura, como estética midiática, roteiristas, que estudam cinema, que fazem teatro, que vêm da geografia, etc.

Também existem grupos com o mesmo interesse no Canadá (Québecq, Montreal), nos Estados Unidos, em Amsterdã, na Suíça, na Itália, na Espanha, entre outros lugares.

Nós nunca pretendemos ter exclusividade sobre a cibercultura. E ficamos muito satisfeitos que haja muitos outros grupos fazendo o mesmo. Isso permite que se façam trocas interessantes.

### **O que tu conheces sobre a pesquisa em cibercultura no Brasil?**

SH - Não conheço muita coisa, mas quando escuto o que Juremir Machado da Silva diz eu entendo que a cibercultura está no coração de um questionamento, especificamente brasileiro.

Juremir fez um texto muito bonito sobre o termo da navegação. Ele mostrou como o Brasil inteiro é fruto de uma navegação por acaso. Que ele foi descoberto em função de uma deriva, não uma deriva geográfica, nem dos situacionistas,

mas uma deriva no sentido náutico do termo.

Por outra parte, no Brasil, da maneira como Juremir o apresenta, há aproximação de pessoas com horizontes bem diversos. Há uma experiência social que se dá na cibercultura, como o encontro de grupos, de diferentes tribos. Tem-se uma experiência social de abertura à alteridade, que não existe em culturas mais homogêneas, como na velha Europa.

Eu creio que há, no fundo, uma relação à

---

*Trata-se (a internet) de uma tela onde pode-se encontrar todas as projeções e os fantasmas de toda uma sociedade*

---

imagem, uma relação com o corpo, que é muito importante na cibercultura, e que é parte constitutiva da cultura brasileira. Há um texto muito bom de Juremir que é *Brésil - Pays du présente (1998)*, interessante, porque há toda uma temporalidade em termos do instante eterno, para usar um termo de Maffesoli, que o Brasil conhece no seu cotidiano.

Então, não conheço muitos teóricos brasileiros que falam sobre a cibercultura, mas quando escuto Juremir Machado da Silva e André Lemos entendo que existem evidências culturais para eles que não se poderia nunca compreender no pensamento francês. E que faz com que os brasileiros estejam melhores colocados do que os franceses para falar de cibercultura.

### **O que está previsto para a comemoração dos 10 anos do GRETECH?**

SH - A comemoração dos dez anos do GRETECH será no meio de novembro. Será um encontro que busca aproximar os membros mais antigos do GRETECH, seus fundadores, os pesquisadores brasileiros, assim como Federico Casalegno, que atualmente está no MIT, em Boston, nos Estados Unidos.

Mas haverá, também, pessoas provenientes do cotidiano cibercultural, operadores, gente do domínio das telecomunicações. Haverá, igualmente, quem fale de arte contemporânea, da oralidade, da circulação da palavra e da imagem.

Além de pessoas da coletividade local, gente de Paris, de Amsterdã, gente de Parthenay, uma

pequena cidade laboratório, na qual o GRETECH trabalhou, como um observatório do uso das novas tecnologias.

Parthenay é uma cidade do interior na qual, entre 1994 e 1996, instalou-se um sistema de rede a partir do qual conectou-se a população a uma caixa de e-mails. Em toda a cidade, havia de 12 a 13 mil habitantes, e mais da metade da população era rural. Tratava-se de um projeto experimental de participação da sociedade na vida local, em que se pretendeu uma expansão do espaço público. Esse projeto foi dirigido por Federico Casalegno e uma equipe do GRETECH.

**Consegues imaginar o que pode ser proposto como tema de discussão do GRETECH daqui a dez anos?**

SH - Paradoxalmente, penso que vamos continuar sobre a mesma questão, na medida em que nosso questionamento sempre desconfia da novidade em termos de técnica pura.

Há dez anos, a pesquisa se deu em torno do Minitel (Minitel Rose, Minitel Erótico). A estrutura radical desse fenômeno e desse imaginário não mudou fundamentalmente em dez anos. Fala-se sempre de coisas que são da ordem do dionísíaco. Ainda hoje, as relações que se dão na Internet são ainda fundamentalmente ligadas à sedução. Há coisas que não são de todo racional e intelectual. Há, ainda, a relação ao cotidiano, quer dizer, há alguma coisa de trágica na apropriação da técnica hoje e que nenhuma tecnologia vai transcender, que vai mudar o mundo. Mas é, ao contrário, uma tecnologia que vai nos permitir simplesmente melhor viver no mundo de hoje.

Então, em dez anos, não houve uma evolução verdadeira. Continuou-se em torno do questionamento sobre a apropriação social da tecnologia, sobre o desvio da tecnologia, sobre corpo e afeto com relação à técnica, sobre a natureza do laço social. Nisso tudo, a tecnologia é só um momento, um veículo. Também a estruturação do grupo em torno das tecnologias de comunicação são ainda questões ligadas aos pequenos grupos, à tribo, à efemeridade, como Maffesoli indica em *Le temps des tribus - Le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse* (1988), em português *O tempo das tribos* (1997).

Quanto a isso, não houve muita diferença nesses dez anos. Não acredito em revolução radical nesse terreno no futuro.

**Tu falaste em tragédia. Para Simmel, a tragédia é inerente à cultura, na medida em que seu desenvolvimento tende a negar o impulso que a originou. De que maneira poder-se-ia falar em tragédia na cibercultura?**

SH - Isso é uma pista muito boa. Há sempre uma espécie de fuga, há uma fuga permanente. A experiência da cultura produz uma especificidade que conduz a uma espécie de apetência. Pode-se tomar o termo tragédia da cultura de Simmel como uma forma de compreensão da preocupação de voltar, de reconstruir, disso que é da ordem da constituição do coletivo.

Muito provavelmente, na cibercultura existe isso também, numa dimensão muito mais reduzida, de desconstruir a cultura de maneira um pouco subversiva. Há a constatação de uma incompletude e alguma coisa que envia a isso que Jean-Marie Guyau aborda.

Toda a vida social, todas as instituições sociais, só são fuga, derrapagem do desejo. É essa derrapagem que faz avançar as formas de expressão da cultura. É preciso considerar que há um esforço potencial que se constitui em termos de ações sucessivas, de criação e de abandono, e assim por diante.

Isso é a constatação de um fracasso e de querer ultrapassar o fracasso. Então, se constroio formas novas de expressão da cultura. Sempre sobre um deslocamento, dinâmico que faz a curva instituinte e instituído. A cultura é alguma coisa que constroio alguma coisa, e a civilização é alguma coisa que a encerra numa estrutura.

Da mesma forma, só se fala tanto em cibercultura hoje porque ela não existe mais. Ela se tornou um produto cultural midiático. Constatar o fracasso e a apetência em ultrapassá-lo, e assim sucessivamente, conduz a um movimento perpétuo.

## **NOTAS**

\* Entrevista realizada por Sandra Portella Montardo, doutoranda do PPGCOM-PUCRS, professora do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Feevale. A presente entrevista foi realizada com o apoio do CNPq, uma entidade do Governo Brasileiro, voltada para o desenvolvimento científico e tecnológico, durante o Estágio de Doutorado no Exterior, realizado entre dezembro de 2003 e junho de 2004, na Université René Descartes, Paris V - Sorbonne.